

Boletim da Comissão de Melhoramentos de Esporão (Goes)

Com a
Colaboração
da Secção Cultural

N.º 15 / Ano II / Março de 1957

Secretaria: Travessa do Poço da Cidade, 46-4.º — Telef. 36 68 54 — LISBOA

Composto e Impresso nas oficinas da
Gráfica Universal, Lda. - R. Escola do Exército, 34 - Lisboa

O Nosso Boletim

O nosso Boletim, a partir deste número, e conforme o prometido, passa a ser impresso. Fazemos votos por que esta nova fase dure por muitos anos.

Mesmo impresso, continua a não dar encargo algum à Comissão, visto serem dois associados que financiam a sua edição.

Também não foi só o aspecto que se modificou. Assim, do conteúdo, passou a constar, além do artigo de fundo, notícias da Comissão, notícias pessoais, entrevistas, a rubrica "As nossas Excursões", contos, curiosidades, etc.

Se, em vez de dois associados, fossem mais uma meia dúzia, o nosso Boletim poderia sair com oito páginas, em vez de quatro e, neste caso, os sócios muito beneficiariam porque trazia mais artigos (esperamos publicar em breve, artigos escritos para o nosso Boletim), contos, etc.

Também, esperamos que os associados escrevam para o Boletim, podendo assim mostrar os seus dotes literários.

E para terminar este breve apontamento, desejamos pedir que nos escrevessem dando a vossa opinião sobre este número.

A Direcção

Curso de Educação de Adultos

Tendo a nossa Comissão alguns sócios ainda sem saberem ler ou escrever e outros apenas com pequenos conhecimentos, desejamos organizar um curso de educação de adultos para os sócios, suas famílias e pessoas amigas.

Assim, pedimos aos interessados, senhoras ou cavalheiros, que se inscrevam a fim de nós legalizarmos o futuro curso, que será ministrado também por sócios da Comissão.

Este curso será gratuito e funcionará na Casa do Concelho de Goes, das 22 às 24 horas.

Esperamos que não percam esta oportunidade para aprender a ler, lembrando-nos do ditado que diz: — NUNCA É TARDE PARA SE APRENDER.

A NOSSA BANDEIRA

A fim de mandarmos confeccionar a nossa bandeira, agradecemos que nos enviassem projectos para a mesma. O projecto aprovado será premiado.

Inauguração da Sede da Casa do Concelho de Goes

Dezassete de Fevereiro de 1957 foi um grande dia para Goes, para os seus filhos, especialmente para aqueles que residem na capital, para todos nós!

Inaugurou-se a Sede da Casa do Concelho de Goes! E este acontecimento, de invulgar significado, mais uma pedra colocada no já magestoso edifício do Regionalismo, agita num frémito de alegria a gente de Goes e a de todo o Concelho! É natural, é legítimo, é justo!

Por isso, não podíamos nós, homens do Esporão, deixar de afirmar o nosso júbilo pelo memorável acontecimento, nós que desde a primeira hora acompanhamos e admiramos o esforço notório da Casa do Concelho de Goes, em prol dum Regionalismo que não é só de palavras, mas também e principalmente, de obras, de acção, de trabalho! E só assim, se poderá compreender o Regionalismo, porque só assim o Regionalismo será operante, atingindo os seus elevados fins.

A Comissão de Melhoramentos de Esporão, congratula-se, pois, entusiástica e vibrantemente com a inauguração da Sede da Casa do Concelho de Goes, e apresenta as suas sinceras felicitações aos seus dirigentes, fazendo os melhores votos pelas prosperidades, cada vez mais acentuadas, da Agremiação.

E faz também ardentes votos porque todas as Comissões de Melhoramentos do Concelho se filiem na sua Casa Concelhia, para uma melhor conjugação de esforços, sempre desejável e sempre eficiente.

Será preciso acrescentar que a Casa do Concelho de Goes pode contar, hoje como ontem, amanhã como sempre, com o caloroso apoio e leal colaboração da Comissão de Melhoramentos de Esporão? Julgamos que não!

Nós, porque somos pelo Regionalismo, nunca faltamos à chamada, estamos sempre presentes onde o amor à terra que nos serviu de berço nos chama!

Nós, acreditamos no Regionalismo! E, por isso, estamos aqui a cumprimentar e a felicitar a Casa do Concelho de Goes!

A Direcção

Reunião Mensal da Direcção em 10 de Fevereiro

Reuniu-se no passado dia 10 de Fevereiro a Direcção com as seguintes presenças:

Direcção:— Casimiro Martins, António Henriques Nunes, Américo Gaspar Nunes e José Casimiro Rodrigues Martins.

Conselho Fiscal:— Adrião Antunes Bandeira.

Compareceu, também o sr. Joaquim de Matos, presidente da Assembleia Geral.

Expediente:— Foi lido e arquivado, destacando-se uma carta da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização na qual informam de que nos devemos por em comunicação com a Câmara Municipal de Goes a fim de se mandar fazer um projecto para a estrada que ligue o Esporão à Estrada Nacional n.º 2. Mandámos já fazer o projecto para a estrada.

Comissão de Melhoramentos de Vila Nova do Ceira:
— Representou a nossa Comissão no jantar comemorativo das Bodas de Prata da Comissão de Melhoramentos de Vila Nova do Ceira o Sr. Joaquim de Matos.

Novos Sócios:— Foram aprovados mais quatro sócios:
111 — Jaime Alves de Oliveira.
112 — Armando Luiz Rodrigues Nunes.
113 — Fernando Rodrigues Gonçalves.
114 — Ataíde Barata Lima.

Casa do Concelho de Goes:— Foi deliberado oferecer à Casa do Concelho de Goes "Os Lusíadas" a fim de enriquecer a Biblioteca da Casa Concelhia.

Sessão Cinematográfica:— Em virtude de não se ter conseguido a sala para os primeiros dias deste mês, foi a sessão adiada para data a anunciar.

Bandeira:— Foi criada a Bandeira Associativa.

Emblemas:— Vai a Direcção mandar fazer emblemas para os associados.

Baile:— O baile anunciado é no dia 6 de Abril na Casa do Ribatejo. Será abrilhantado pela **ORQUESTRA BELARTE**.

Encerrou-se em seguida a sessão.

NOTÍCIAS PESSOAIS

CASAMENTOS:

Consociou-se a nossa consócia Sr.^a Adelina Cardoso Bandeira. Desejamos-lhe imensas felicidades.

PARTIDAS E CHEGADAS:

Estiveram em Lisboa, os nossos sócios Srs. Cassiano Antunes Bandeira e José Martins.

Conversando com os Associados

por Casimiro Martins

Conversamos hoje com mais um sócio auxiliar, Sr. Casimiro Amaral.

Vejamos o que nos diz:

- Conhece o Esporão?
- Não. Sei que fica no distrito de Coimbra, mas o Esporão não conheço, mesmo já estando relativamente perto, na Louzã, em visita à sua maravilhosa Serra.
- Onde é natural?
- De Lisboa.
- O que pensa da nossa Comissão?
- Que é uma Associação digna de todo o auxílio é de louvar os seus Directores pelo que têm realizado.
- Tem vontade de vir a conhecer o Esporão?
- Sim. Espero conhecê-lo dentro em breve.
- Quere dizer alguma coisa aos nossos consócios?
- Sim. Quero fazer votos para que o trabalho até agora realizado em prol do Esporão, tenha a devida recompensa, engrandecendo-o como desejam.
- Obrigado, Amigo!

As nossas Excursões

Continuamos hoje a falar de Coimbra, porque da nossa excursão já nem vale a pena falar. Temos o mais moderno auto-carro do país com a lotação esgotada. A cidade de Coimbra está intimamente ligada à nossa história nacional, pelos inúmeros acontecimentos e factos de que ela tem sido teatro.

Apontam-se alguns episódios dispersos.

Quando D. Sancho II foi deposto por ordem papal, em consequência das lutas travadas com seu irmão D. Afonso, depois D. Afonso III, tornou-se notável a fidelidade do Alcaide da cidade, Martim de Freitas, para com o rei deposto, pois se negou a entregar a D. Afonso o castelo da cidade até mesmo depois do exílio de D. Sancho para Espanha, e só após a morte deste monarca, que ele foi pessoalmente verificar, se resolveu a dar posse do castelo ao Rei D. Afonso.

Foi em Coimbra, fora dos muros da cidade e no local onde hoje se ergue a igreja de S. Bartolomeu, que foi assassinada D. Maria Teles de Meneses, irmã da Rainha D. Leonor Teles, pelo seu próprio marido, o Infante D. João.

Também o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, escolheu esta cidade para se refugiar das intrigas que na Corte, contra si moviam, e foi ainda em virtude delas que veio a morrer em Alfarrobeira.

D. Manuel foi um desvelado amigo de Coimbra. Foi ele quem mandou reconstruir os Paços Reais e o Mosteiro de Santa Cruz, dando-lhe beleza e encantos architectónicos que ainda hoje se admiram. Foi ainda este monarca que mandou construir a nova ponte sobre o Mondego.

Em 1807, quando da invasão francesa pelas tropas de Junot, os estudantes revoltaram-se conseguindo libertar a cidade, chegando a ir expulsar os franceses doutras localidades próximas onde tinham estabelecido as suas guarnições.

As Tertúlias Literárias no Século XIX

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, BULHÃO PATO E EDUARDO VIDAL

por *Teixeira Leite*

Transcrito do "Portugal Ilustrado"

A casa de António Raulino (pai de H. Lopes de Mendonça) vinham muitas vezes, entre outros, Bulhão Pato, o poeta Eduardo Vidal, Eduardo Coelho, jornalista, os irmãos Bordalo, D. João da Câmara (então novato), o dr. Ferraz de Macedo e o dr. Manuel de Arriaga — quase todos trazidos pela mão amiga de Júlio Ribeiro, funcionário superior das alfândegas, bem relacionado entre os homens de letras, e a quem Lopes de Mendonça tratava respeitosa e familiarmente por tio, em virtude da velha e fraterna amizade que o ligava ao pai. A ele muito ficaria devendo o futuro escritor, não só em bens materiais, senão espirituais...

Tais reuniões, posto que modestas, constituíam como uma sorte de academia artística. Mme. Fassio, uma italiana residente próximo, fazia a parte musical. As artes plásticas estavam a cargo de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, que as cultivava superiormente, por forma a merecer à rapaziada do sítio o título terno e respeitoso de "Pai Bordalo".

Foi aqui, neste ambiente, e nesta Alcolena (que, ao tempo, seria para ele como a Alexandrina, em miniatura, dos Ptolomeus, ou "aquele encantado subúrbio florentino", onde nasceria o Decameron"), que ia principiar a realizar-se a educação literária de Henrique Lopes de Mendonça.

Em casa de José Crispim da Cunha, outro centro de tertúlia, pelas 22 horas (modern style), enquanto as senhoras costuravam ou discutiam a carestia da vida, e os homens falavam de política, cantava-se a "Norma" — e, quando não se improvisava ao piano, recitava-se

poesias dum sabor romântico, invariavelmente os mesmos temas (em geral improvisos, em que se variavam os nomes), descrevendo a paixão burlesca do poeta por uma dama, e concluindo, as mais das vezes, por projectos de suicídio:

"E se no mar
Água não acho,
Vou-me deitar
Da pedreira abaixo!"

Enfim, o que havia de mais ingénuo, e inocentemente, de sedativo...

Também se jogava o voltarete, e parceiro obrigatório era o dr. José Ribeiro Guimarães, jornalista, colaborador assíduo do "Jornal do Comércio", e investigador de renome, que legou uma colecção a vários títulos interessante, "Sumário de vária história".

Dizia-se republicano e de tendência voltaireanas. Estava, neste ponto, de acordo com Pai Lopes de Mendonça, velho patuleia doutrinário. Eram frequentes as discussões intermináveis (estava-se em 1870, alturas da Guerra Franco-Prussiana), discussões em que intervêm, além de J. Ribeiro Guimarães e António Raulino, Graça Barreto e outros, que não confiavam grandemente nas qualidades renovadoras da democracia francesa.

Henrique ia ouvindo e ia-se instruindo...

E, não obstante os seus catorze, quinze anos, atrevia-se por vezes a meter a sua "colherada".

Destá época a elaboração, que creio não ter passado de vão projecto, de um jornal de carácter republicano — denominado "89" — de que não chegou a completar-se o primeiro número, manuscrito na sua arrevezada caligrafia, e para que Ribeiro Guimarães lhe forneceu um artigo faceto.

(continua)

As nossas Excursões

Depois da Batalha do Buçaco, em 1810, de novo os franceses se apoderaram da cidade, comandados por Massena, mas pouco depois eram novamente expulsos por tropas regulares portuguesas, comandadas pelo oficial inglês Trant.

Em 1834 o Duque da Terceira entrou na cidade e tomou-a expulsando o governo de D. Miguel.

Quando em 1851 o Duque de Saldanha levantou o seu pronunciamento militar, o Rei D. Fernando, marido de D. Maria, dirigiu-se para Coimbra, à frente das tropas, mas estas ao chegarem aqui abandonaram o soberano e dirigiram-se para o Porto para aderirem ao movimento regenerador.

Das várias pontes que atravessam o Mondego a mais antiga é a que liga a cidade com o Bairro de Santa Cruz, ignorando-se por quem foi mandada edificar. Esta ponte foi muitas vezes restaurada e melhorada, desde D. Afonso Henriques até Filipe II, mas por decreto de 1861 foi substituída por uma ponte metálica,

ficando com o comprimento de 217,50 metros. A sua construção concluiu-se em Agosto de 1875.

Na cidade de Coimbra têm-se realizado, por várias vezes, reuniões de cortes. As primeiras de que há notícia foram convocadas em 1180. Depois houve-as, sucessivamente, em 1335, 1372, 1387, 1390, 1394, 1395, 1398 e 1400.

As últimas foram convocadas por D. Afonso V em 1472, que as transferiu para Évora onde terminaram em 1473.

As cortes de 1385 foram convocadas depois do cerco a Lisboa pelas tropas de Castela, e após a vitória dos portugueses. Coimbra recebeu festivamente o mestre de Aviz "defensor do reino" e ali proclamado Rei D. João I.

Foi em Coimbra que nasceram todos os reis da primeira dinastia, exceptuando D. Afonso Henriques, e foi ali que morreu a mãe do fundador da monarquia, D. Teresa.

(continua)

XIX SÉCULO SABIA QUE...

- As abelhas têm o corpo coberto de pêlos, seis patas e quatro asas, um dardo ou ferrão muito agudo na extremidade do abdomen; são de uma cor fulva e a sua boca acha-se munida de uma tromba, que lhes serve para sugar o suco das flores, com o qual fabricam a cera, de que fazem as suas células ou alvéolos, e o mel, que neles depositam. Cada grupo ou enxame vive em sociedade num cortiço, debaixo da autoridade de uma rainha. Quando se é picado por uma abelha, deve-se primeiramente extrair o ferrão, que o insecto deixou na ferida e lavar esta com aguardente, ou melhor ainda com álcali ou ácido fênico. Pode-se empregar também água muito salgada, se não se tiver à mão qualquer daqueles medicamentos.
- A abetarda grande é a maior das aves da Europa, chegando o macho a atingir 0,95 de comprimento.
- O abutre é uma ave de rapina, de cabeça e colo implumes, que se encontra em todas as altas montanhas da Europa e da Asia; atinge três metros de envergadura. Vorazes e cobardes, os abutres cevam-se geralmente de cadáveres de animais insepultos, não ousando atacar os animais vivos, senão quando podem reunir-se muitos contra um só.
- O açambarcamento consiste, comercialmente, em retirar da circulação uma grande quantidade de géneros ou mercadorias da mesma espécie, a fim de ficar com o monopólio desses artigos, suprimir a concorrência e determinar a alta ou a baixa dos preços.
- O acumulador eléctrico consiste em duas lâminas de chumbo, mergulhadas num vaso que contém água acidulada. Faz-se passar no vaso a corrente eléctrica, cuja energia é absorvida pelas lâminas de chumbo. Quando estão saturadas, suspende-se a corrente e transporta-se o aparelho para o sítio onde terá de ser utilizado e onde restituirá a energia eléctrica, de que se acha carregado.
- O acetilénio é um gás incolor, de cheiro fético. Produz uma chama branca, de grande poder iluminante, um pouco fuliginosa. O seu emprego exige precauções; pode como o gás de iluminação, produzir a asfixia e, quando se mistura com o ar, torna-se explosivo. Nunca se deve aproximar lume de recipiente, que o contenha.
- A queda dos aerólitos é acompanhada de fenómenos luminosos e grande ruído. São restos planetários, que circulam no espaço, e que o nosso globo atrai, quando passam perto dele. Ao atravessarem a nossa atmosfera, o atrito do ar torna-os superficialmente incandescentes.
- Quando uma pessoa está prestes a afogar-se, procurar-se-á lançar-lhe qualquer objecto, a que ela possa deitar a mão, para

se manter à superfície de água. Aquele, que for em seu socorro a nado, cuidará de se não deixar agarrar por ela, para não ficar com os movimentos paralisados; e tentará impeli-la por detrás, em direcção à praia ou ao navio. Poderá também segurá-la pelos cabelos ou pelos sovacos, mantendo-lhe a cabeça acima da água, o que demanda pequeno esforço. Para chamar à vida um afogado, deve-se deitá-lo sobre o lado direito, com a cabeça um pouco mais baixa do que o resto do corpo, despi-lo e friccioná-lo com panos quentes. Para restabelecer a circulação e a respiração, praticar-se-á a tracção rítma da língua, quinze a vinte vezes por minuto, e também, se para isto se dispuzer de auxiliares, a respiração artificial, elevando e afastando os braços do afogado, baixando-os depois e comprimindo nesse momento a caixa torácica. Estes esforços devem ser aplicados com perseverança; têm se presenciado verdadeiras ressurreições de afogados, três e quatro horas depois de haverem sido retirados da água, graças às tracções rítmicas da língua, praticadas durante esse período sem interrupção.

Sofro a Vida

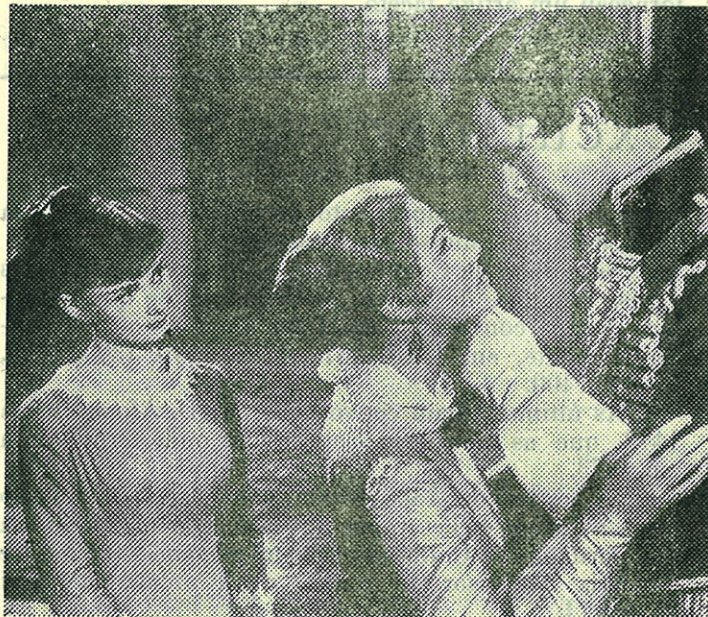
Poesia extraída do livro "Raizes" do nosso prezado consócio e membro da Secção Cultural,

Fernando Vieira

*Sofro a vida, não na canto:
Invento-a menos sombria.
Ardem, na voz que levanto,
Cinzas de amarga ironia.*

*Torno a crueza da vida
Em dor que não pesa nada:
A força de tão vivida
Tem sabor de imaginada.*

*Sonho com fingidas cores
O sonho já desencanto.
A vida não me dá flores:
Sofro a vida, não na canto.*



Sugestiva imagem do grandioso filme da "Paramou"

"GUERRA E PAZ"

em exibição no S. Jorge

CIRCULAR

Sócio N.º

Exmo. Sr.